Volume II

Sexta Parte – 6

A Duquesa das Torres contando, por experiência própria, como funciona o Mundo do Desejo para o encarnado Peter Ibbetson

* * * * *

De tudo o que ela disse, só posso citar alguns fragmentos – é tudo o que consigo me lembrar e compreender quando estou acordado. Em qualquer parte, onde tenha esquecido algo, colocarei uma linha de pontinhos. Só quando durmo e sonho posso recordar e compreender o resto. Então, tudo parece muito simples. Costumo dizer a mim mesmo: "Vou fixar bem e colocar em palavras bem escolhidas na minha Mente – as palavras dela – e gravá-las no coração; e depois acordar calmamente e lembrar-se delas, e escrevê-las todas em um livro, para que façam aos outros tudo o que fizeram por mim, e transformem a dúvida em feliz certeza, e o desespero em paciência, esperança em grande euforia".

Mas a campainha toca e eu acordo, e minha memória me engana. Nada resta, senão o conhecimento de *que tudo ficará bem para todos nós, e de tal maneira que aqueles que não suspiram pela Lua ficarão bem contentes*.

Infelizmente, este conhecimento não posso transmiti-lo a outros. Como muitos que viveram antes de mim, apesar de não poder provar – mas posso afirmar….

* * * * *

"Como é estranho e antiquado", ela começou, "ter olhos e ouvidos de novo, e tudo mais – pequenas janelas abertas para o que está perto de nós. São planos muito desajeitados! E já os tinha esquecido".

Olha, lá se vai nosso velho amigo, o rato d'água, embaixo do banco – o velho pai gordo – o bom pai gordo – como costumávamos chamá-lo. Ele é apenas uma pequena imagem plana movendo-se de cabeça para baixo na direção oposta atrás de nossos olhos, e quanto mais ele vai, menos nítido fica a imagem. A algumas centenas de metros de distância, não deveríamos vê-lo mais. Do jeito que está, só podemos ver o lado de fora

dele, e isso apenas de um lado de cada vez; e mesmo assim ele está cheio de coisas importantes e maravilhosas que levaram milhões de anos para serem feitas – como nós! E para vê-lo, temos que fixar o olhar diretamente a ele – portanto, não podemos ver o que está atrás de nós ou ao nosso redor – e se estivesse escuro não poderíamos ver absolutamente nada.

Pobres olhos! Saquinhos cheios de água, com uma pequena lupa dentro e uma folha de capuchinha atrás – para captar a luz e senti-la!

Um célebre oculista alemão disse certa vez ao papai que, se seu fabricante de instrumentos lhe enviasse uma máquina tão malfeita como um olho humano, ele a enviaria de volta e se recusaria a pagar a conta. Agora, eu posso entender isso; e ainda na Terra onde deveríamos estar sem olhos? E depois, onde estaríamos se alguns de nós nunca os tivéssemos na Terra?

* * * * *

Posso ouvir sua querida voz, Gogo, com dois ouvidos. Por que dois ouvidos? Por que apenas dois? O que você quer, pensa ou sente, você tenta me dizer por meio de sons que lhe aprendeu – inglês, francês. Se eu não soubesse inglês e francês, não serviria de nada. A linguagem é uma coisa pobre. Você enche seus pulmões de vento e sacode uma pequena fenda em sua garganta, e faz caretas, e isso agita o ar; e o ar balança um par de pequenos tambores em minha cabeça – um arranjo muito complicado, com muitos ossos por trás – e meu cérebro capta seu significado bruto. Que forma indireta e que perda de tempo!

* * * * *

E assim com todo o resto. Não podemos nem sentir bem o aroma! Um cachorro riria de nós – nem mesmo um cachorro sabe muito!

E sentindo! Podemos sentir muito calor ou muito frio e, às vezes, nos deixa doentes ou até mesmo nos mata. Mas não podemos sentir a tempestade que se aproxima, ou se está ao norte ou ao sul, ou onde está a Lua Nova, ou o Sol à meia-noite, ou as estrelas ao meio-dia, ou mesmo que horas são por nossa própria avaliação. Não conseguimos nem encontrar o caminho de casa com os olhos vendados – nem mesmo um pombo pode

fazer isso, nem uma andorinha, nem uma coruja! Apenas uma toupeira, ou talvez um cego, tateando debilmente com um pedaço de pau, se já foi assim antes.

E prove! É bem-dito que não há contabilidade para isso.

E então, para manter tudo isso funcionando, temos que comer, beber, dormir e tudo o mais. Que fardo!

* * * * *

E você e eu somos os únicos mortais que conheço que encontraram um caminho para o interior do outro pelo toque das mãos. E então tivemos que dormir primeiro. Nossos corpos estavam separados por quilômetros; não que isso tivesse feito alguma diferença, pois nunca poderíamos ter feito isso acordados – nunca; não se nos abraçássemos até a extinção!

* * * * *

Gogo, não consigo encontrar palavras para lhe dizer como, pois não há qualquer idioma que eu já tenha conhecido que não saiba contar; mas onde estou é tudo ouvido e olho e o resto em um, e há, oh, quanto mais além disso! Coisas que um pombo-correio conhece, e uma formiga, e uma toupeira, e um besouro aquático, e uma minhoca, e uma folha, e uma raiz, e um ímã – até mesmo um pedaço de giz e muito mais. Pode-se ver, cheirar, tocar e saborear um som, assim como ouvi-lo, e vice-versa. É muito simples, embora possa não parecer assim para você agora.

E os sons! Ah, o que parece! A espessa atmosfera da Terra não é condutora para aqueles como eles, e os tímpanos terrestres não são receptores. O som é tudo. Som e luz são um.

* * * * *

E o que isso tudo significa?

Eu sabia o que significava quando eu estava lá – parte dela, pelo menos – e deveria saber novamente em algumas horas. Mas este meu pobre e velho cérebro terrestre, que tive de vestir mais uma vez, como uma velha que coloca uma touca de dormir, é como meus olhos e ouvidos. Agora ele só pode entender o que é da Terra – o que você pode

entender, Gogo, quem ainda são da Terra. Esqueço-me, como se esquece de um sonho comum, como às vezes se esquece a resposta de um enigma ou o último verso de uma canção. Está na ponta da língua; mas lá ele fica e não vai mais longe.

Lembre-se, é apenas em seu cérebro que estou vivendo agora – seu cérebro terreno, que foi meu único lar por tantos anos felizes, assim como o meu o seu também foi.

Como nos aninhamos!

* * * * *

Mas eu sei disso: deve-se ter tido todos eles uma vez – cérebros, ouvidos, olhos e o resto – na Terra. 'Você deve ter estado lá!' ou nenhuma existência posterior para o ser humano ou animal seria possível ou mesmo concebível.

Não se pode ensinar a um surdo-mudo de nascença a compreender uma partitura musical, nem a um cego de nascença a sentir a cor. Para Beethoven, que antes ouvia com os ouvidos, sua surdez não fazia diferença, nem a cegueira para Homer e Milton.

Você pode entender minha pequena parábola?

* * * * *